

Redacção, Administração e Proprietária
CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA - Telef. 5 Cete

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

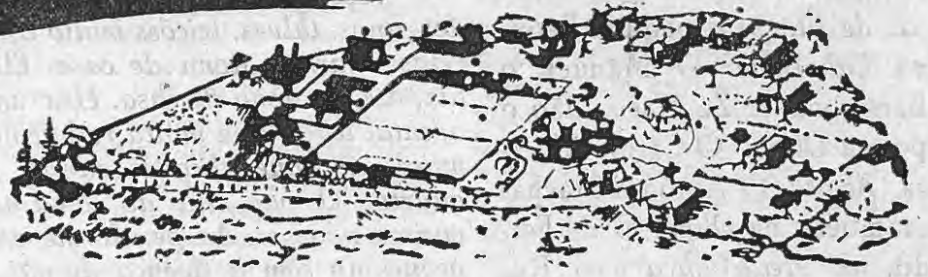
Composto e Impresso na
TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO-PAÇO DE SOUSA

Vales do Correio para CEBE

AVENÇA



Gaiato



Visado pelo
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VII—N.º 178
PREÇO \$100

O NOSSO LIVRO O DONATIVO

A estas horas, muitos dos que o encomendaram, já devem estar saboreando as suas doces regras. Demorou mais do que se contava e eu vou dizer porquê. Júlio sonhou uma capa formosa. Diz ele que a crítica aos serviços tipográficos, costuma ser exigente e severa e que, Júlio, desejava estar à altura d'ela, crítica. Por isso, vieram à aldeia os melhores fotógrafos. Produziram-se as melhores fotografias; era um rapaz andrajoso subindo a avenida e em cima, o bloco das 16 casas. Este trabalho maravilhoso entregou-se ao melhor desenhador do Porto. Júlio andava radeante; aquilo é que vai ser; dizia-me a cada passo. Mas não foi. As coisas emperraram. Desenhador não dava o trabalho. O livro não saía. Era a capa.

Foi então que me assaltou

uma ideia. Chamei Júlio e Avelino. Expus. Concordaram. Vieram imediatamente Zé da Lenha, Zé d'Arouca, Manuel Risonho e Faisca,—os mais faladps. Sobre uma mesa, estavam preparadas quatro folhas de cartolina branca, do tamanho da capa do suspirado livro. Convidou-se um por um a escrever. O primeiro foi Zé da Lenha. No topo diz **Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes** e ao centro diz **Isto é a Casa do Gaiato**. Colheram-se os quatro documentos. Júlio seguiu no primeiro comboio em direcção à Invicta falar com Marques Abreu. Abriram-se quatro gravuras. Pronto. Gosto daquelas garatujas. A chapa melhor é a do Faisca, por ser a mais torta. Mas os outros também servem... Cale-se o desenhador. Cale-se a arte e fale a Natureza.

Já se lhe não pode chamar mais um *donativo*; agora é *O Donativo*. A quantidade; a maneira; a persistência. Esta é a sétima vez que o Desconhecido entra no Banco!

Avelino mais eu estávamos na varanda do meu escritório a falar de coisas da nossa vida. Era o fim de Novembro, dia de pagamentos. Eu gemi ao rapaz as minhas dificuldades, que ele faz naturalmente suas. A obra é d'eles. Era à tardinha. O fundo da mata fazia escuro. Caía do céu a tristeza. *Nós não podemos mandar nenhum embora*, disse eu. Avelino é um grande amigo de todos, mas sobretudo dos mais pequeninos. Faz brincadeiras para eles! *Pois não; nós não podemos mandar nenhum embora*, repete. *O que seria eu se mo tivessem feito*, continua. Agora mais escuro. Agora mais tristeza. *Nós não temos pai. Nós não temos mãe, nós não temos ninguém*.

Eu estava silencioso no meu posto. O rapaz tenta confortar-me. *talvez aquele senhor se lembre de nós este ano. O ano passado foi no dia 7 de Dezembro, lembra-se?*

Avelino ficou triste; ele sabe das nossas contas. Entra o mês de Dezembro. E' ele quem vai pelo correio. No dia 8 coloca o maço de cartas sobre a minha mesa e informa que vem uma do Banco Espírito Santo. Ele é um rapaz calmo, ponderado. Não me pede que a

abra; deixa que chegue a vez d'ela. Chegou. Abri: dois documentos; um depósito de 100 escudos e um depósito de cinquenta mil d'eles! Coloquei os cotovelos na secretária e sobre eles a testa. Avelino apruma-se em silêncio. Rezamos ambos. O mesmo sentir. O mesmo amor. Nós falhámos se mandássemos alguém embora, com medo de não ter pão.

O Desconhecido é naturalmente um homem que dispõe de larga fortuna; este é o sétimo ano. São trezentos e cinquenta contos. E' muito dinheiro!

Mais. O Desconhecido, não dá só para a Casa do Gaiato. Outras centenas de contos vão alegrar na roda do ano pessoas e instituições que vivem da Pobreza. Este senhor é modelo. E' mestre dos ricos, porque aprende no Evangelho. *Não alarga as suas tulhas. Não compra mais vasilhas. Enche todos os anos as que tem e do que lhe sobra, reparte. Reparte. Eis.*

Este senhor tem necessariamente de ser um homem feliz. Os empregados do Banco, dizem que ele não se estrema dos mais clientes, na hora em que ali vai depositar. Não põe o nome. Não buzina. Esconde a mão esquerda para que ela não veja as cinquenta notas na direita e vá contar. E' um senhor escondido. E o Pai Celeste que tudo vê, recompensa e canoniza. Feliz!

SÓZINHO e à vontade, que a chuva não ajudava a trazê-los para fora de casa, percorri toda a vossa aldeia.

Só encontrei fora do aconchego do vosso lar, um cão e um miúdo.

Ele, o cão, de aspecto sanguínário, saltando ferozmente para mim; o outro, um miúdo de 3 ou 4 anos, sobre quem a chuva que caía e o cão que amedrontava, não tinham qualquer efeito.

Junto ao cão, olhava-o embevecido.

Isto era indiscutivelmente a Casa do Gaiato!

E depois foi a vossa sala de expedição do jornal, a «nossa» Tipografia e o que mais me bailou nos olhos, aquelas malgas distribuídas pelas mesas, de cheirinho não de fumo acalentador.

Vocês rapazes, que eu conheci a roubar, cheios de fome, para os quais colhi tantas vezes, ainda comunista, ainda odiento, a desejar que eles fossem outros revoltados como eu, a pedir, o que eu entendia que era devido, a exigir, como o meu erro de interpretação da vida queria, a odiar os que assim os deixavam como a minha doutrina falsa estabelecia, vocês rapazes, hoje, à longa distancia da vossa vida triste, talvez que já não sintam o que nunca deviam esquecer.

UMA CARTA

É de vocês como fermento, que tem de renascer e caridade cristã.

Não pelo ódio aos que vos abandonaram, mas por Amor aos que sofrem, como vós suportais, e por perdão e oração pelos culpados.

E eu estou agora a ver aquele pequenito, de cabelo rapado, cuja idade me pareceu não ir além de 7 anos, que nos serviu à mesa.

Eu tenho 2 filhos; um tem precisamente os 7 anos e vi... vi o que a vida ensinou já ao que aí está, que soube servir uma mesa de 4 pernas, com consciencia de homem, com um prematuro desenvolvimento que foi criado e amalgamado no sofrimento, antes do tempo.

E eu sei que, felizmente, para ele, pode hoje ser criança e homem, pode e deve vir a ser alguém, porque a vossa obra lhe deu o amor que o Senhor exigia para as crianças.

Estou a vê-lo a recusar dar-me a caixa de fósforos para eu acender um deles.

O homem, o empregado de mesa, cheio de um ar senhoril e douto, desapareceu naquele momento e naquela liberdade santa e bela da

Casa do Gaiato, apareceu a criança, o miúdo, cujo prazer de acender um fósforo passava por cima de todos os seus deveres de respeito pela mesa e pelo hospede.

E eu encantei-me, gostei e amei aquela criança que só era homem precoce, pela maldade humana, que o deixou viver onde nunca devia ter vivido.

É a soma destes nada para o racionalismo do século, que faz ver na obra, o dedo de Deus.

E a vós rapazes, que vi tão entusiasmados com o vosso trabalho, com a vossa casa, com o vosso jornal, vosso-nosso, com a tipografia, discutindo os assuntos como homens-grandes, com uma independencia e interesse que só a educação da vossa casa podia dar, a vós que sois a semente que Deus criou; a vós imploro que eviteis sofrer o que sofri, até encontrar a verdade.

A vida é fatal em tentações. Satã não dorme e o leão rugirá à nossa roda, sempre à espera de um ponto fraco.

Lembra-vos sempre que o mundo tem os olhos postos em vós.

Cada um de vós que se desorienta e desvia ou esquece.

Cada um de vós que amanhã na vida não prolonga e completa a obra que o P.^o Américo criou, é uma alma que o Céu chora e no plano terreno é um egoísta que só merece despreso.

Quem sofreu, tem de amar ou odiar.

O único caminho é Amar. O odio queima, o odio não tranquiliza, o odio é o Inferno na Terra.

Eu que o senti, julgando que era o caminho, sei o que é.

É tão fácil que é sermos seduzidos no mundo!

Cristo expiou pelos nossos pecados, mas quis mais do que tudo que não ficassemos parados, à espera da nossa entrada no céu, pela remissão que Ele nos fez. Ele determinou que prolongássemos em nossos membros a sua Paixão.

Que pelos seculos dos seculos fossemos vivendo a sua Paixão em nós mesmos.

Não é mais o discípulo que o Mestre.

Prolongai em vós a vossa obra. Não a perdeis, secando em vós a seiva que circula.

O futuro será de Cristo se o quisermos, ou senão... não!

Cada esforço que fazeis no sector que vos está confiado, é uma pedra a alicerçar a obra.

(Continua na 4.ª página)

LAR DE S. JOÃO DA MADEIRA

O Zé Augusto trabalha na *Fabrica de fitas*. O Joaquim Pereira, na *Laborarte*. O Manuel, o Zé Barros mai-lo Zé Maria, dão o tempo na *Oliva*. O Carlos Alberto, na *Airosa*. O António Machado, também na *Oliva*. O Zé Fernando, na *Metarlugica* e o Rui Seixas na *Dalia*. Ninguém pergunta; ninguém queira saber a história de cada um d'estes prometedores rapazes. Por piedade, ninguém lhes fale nisso e pelo mesmo sentimento ajudem-nos a erguer-se. Eles precisam de nós, sim; mas nós também precisamos d'elles.

O Lar de S. João da Madeira, governa-se por si. Estive lá a semana passada a fazer entrega ao Carlos Inácio, em acto solene. Estavam 15 d'elles, que tantos são os que formam hoje a comunidade incipiente. Carlos Inácio, depois de empossado, nomeia assistente o Zé Fernando. Tomou conta dos livros da receita e da despesa. Conferenciou com a governante. Disse-me que podia ficar descansado e eu retirei-me. Vou ali uma vez por semana. Esta ousadia aparente não é uma descoberta; é, sim, um aproveitamento. Aproveitar o que existe dentro do rapaz, a favor e a bem do Rapaz. Mais nada. Os chamados educadores é que são, em regra, egoistas. Querem dominar. Querem impor. E' por bem que o fazem, mas apagam. São apagadores.

O Carlos Inácio, actual chefe responsável, tem 18 anos. Estuda no Colégio Castilho o 4.º ano do liceu, por favor da Direcção. E' inteligente. A intelligencia é luz. Eu nunca tive medo de rapazes inteligentes; confio-lhes tudo. A intelligencia é o dom do homem. E' a sua marca. E' a sua marca específica. Pela intelligencia é que ele se distingue dos outros animais. Só o homem é capaz de ler na natureza e compreender que existe, porque Deus existe. O Carlos Inácio é o chefe.

Os senhores tiveram ocasião de ler em o derradeiro número, de como o Lar de Coimbra, hoje emancipado, elaborou e pôs em prática um precioso regulamento de auxilio mútuo, em caso de desemprego.

Só eles poderiam fazer aquilo. Se lhes fosse ditado pelos superiores, nenhum d'elles fazia caso. Se fossem obrigados, resistiam. Se castigados, revoltavam-se. Que as senhoras nações, unidas e desunidas, ponham aqui os seus ricos olhos e aprendam. Dito do individuo, dito da nação. O homem gosta de mandar em sua casa; e tem esse direito.

ERA num terceiro andar. Aparece uma rapariga de uns dez anos, talvez, feições muito corretas e ar de dona de casa. Ela faz, até, de dona de casa. Usa um avental largo com muita roda e na maré em que cheguei varria o quarto. O pai está de cama há muitos meses... Ao pé, dorme um pequenino com a doença do pai... E ela também está, informa o doente, tendo de deixar a escola por isso mesmo... Eu fixei o rosto da pequenina dona de casa, agora com mais piedade. Uma carga tamanha para um corpo tão frágil! Já se meteram os papeis pró D. Manuel II, mas não chamam. A mãe tinha saído. Também ela sofre do mesmo! A doença avassalou aquela família! O doente é um homem novo. Era operário. Não está num sanatório por causa das Caixas de Previdencia. Eu conheço mais casos assim. É um círculo vicioso. Tem de pagar por estar na Caixa e não o pode fazer por as Caixas não abonarem o suficiente. Resultado: morrer. Mais nada.

A Doutrina de Monsenhor Tedde sobre a abolição de emolumentos na sua diocese, envolve os fieis: *Imbõe-se hoje uma reforma enérgica e radical que elabore novo clima espiritual e obtenha o reconhecimento dos fieis para com os sacerdotes, cujo problema material deve ser resolvido dentro de formulas da mais perfeita espiritualidade.*

Doutrina admirável! A reforma enérgica e radical tem de começar dentro da Igreja com doutrina da Igreja. Não sendo esta doce evolução dos de casa, é certa a dolorosa reforma dos estranhos, — e que reforma!

Peçamos a Deus, com tantas almas santas, que venham breve os dias em que os fieis compreendam os seus deveres de contribuir espontaneamente às necessidades da Igreja, e o exemplo do Bispo d'Alles possa generalizar-se.

Parece que matéria e espirito não se dão as mãos, mas no conjunto equilibram-se. Sacerdotes e fieis, formam o corpo da vida paroquial. As questões materiais devem ser resolvidas entre as duas partes, na *mais perfeita espiritualidade*. O pescador d'almas cria, assim, necessariamente, nos seus fieis a devoção de dar. Ninguém mais se atravessa a perguntar, *quanto é senhor Prior?* que isso é nos balcões; vencidos pela necessidade e pelo gosto do amoroso aqui tem. Reconhecimento. E' o espirito que vence.

Mas o Pastor d'Alles vai mais

Eu tenho para mim que os dinheiros dados à conta da Acção Social, devem ser postos em primeiro lugar ao serviço eficaz do homem. Sucede que às vezes, por se cuidar que eu posso tudo, recebo cartas aonde se pede a minha interferencia; e oferecem-me boas luvas se eu conseguir que as Caixas compretais e tais predios nas ruas de tal e tal, por tantos e tantos milhares. Gosto, sim, que as Caixas estejam prevenidas. Gosto. Mas não à custa de sacrificios penosos e vida dos nossos irmãos. Lancemos os olhos ao alto e saibamos repartir o pão. Menos previdencia e mais providencia.

D'ali tomei novo rumo. Era de manhã. Fazia nevoeiro e eu muito contente por ser menos notado. Entrei num páteo. A mãe aparece com três crianças em redor.

V. não tem cá vindo e houve aqui uma grande necessidade. Escutei. Ela trazia um lenço amarrado na cabeça e labios febris. Vendi o berço dos meus filhos. Foi a semana passada. Não tinha-

mos que comer. Os filhos estavam ali a ouvir, mas não entendiam nada. Eles cuidom que a vida é naturalmente assim. A mãe entra numa alcova e mostra uns farrapos aonde deita as crianças à noite. Vendera o berço por 25 escudos, mas o comprador, por pena, deu-lhe trinta e obra de quilo e meio de pão e uma adubadela. Estou usando palavras da mãe; a terrível eloquencia dos Pobres: uma adubadela.

Cheguei ao nosso Lar a horas de comer. Estavam trinta rapazes à mesa. Comi com eles. No final, chamei os vicentinos. Contei-lhes. Nós tinhamos uma cama-berço que um senhor do Porto nos dera; era do seu filho. Também, naquele dia, por sorte, se recebeu um grande pacote de roupas de cama, para os pobres da Conferencia, aonde não faltava um cobertor! Licinio estava presente. Ele sabe onde habita esta família. Sopa no mel, — disseram todos à uma. E o resto já se sabe...

NOTA DA QUINZENA

longe. Fixa aos sacerdotes idosos uma tença mensal. Inicia a construção da Casa do Clero Inválido. Cria na sua diocese obras de assistencia.

Tudo isto é doutrina da sua formidável Pastoral; doutrina clara; positiva, humana.

Nós, bem sabemos que os sacerdotes da igreja católica podem ir muito longe sem aquelas garantias — e vão. É a Loucura. Mas com elas, o caminho torna-se, se não mais fácil, com certeza menos medroso. Por isso mesmo ninguém duvide que os subditos de Alles hesitaram, mas todos comungam com o seu Pastor. Outras dioceses hão-de procurar o mesmo *clima espiritual*. É a aurora.

Obras de Assistencia! Elas são um primado da Igreja. O clássico mendigo que pede às suas portas é um documento universal; por toda a parte os vemos. Eles chegam-se à sua Mãe. E nós não temos um abrigo adequado! A igreja é, sim, chamada a colaborar em todas as obras, mas não as tem verdadeiramente suas. As Misericórdias são laicas. As Ordens Terceiras têm os seus mordomos. As Confrarias estão mortas. A Assistencia vive no Terreiro do Paço. É somente por cortesia que os seus representantes são chamados a presidir, mas não estão de maneira nenhuma no que é seu. Não riscam. São uma figura de realce.

Não temos um sanatório. Não temos um hospital. Não temos uma estância. Nada aonde se dê pão.

E' tudo de outros poderes. Deixamos-lhe o melhor argumento!

Como nos havemos nós de defender amanhã da invasão crescente, como? Com a nossa doutrina? Mas é ela precisamente que nos condena! Com a nossa força? A d'elles é maior. Coragem? Eles vão até à morte. Só temos um remédio: obras sociais a andar. Elas são a única arma que desarma. Abrir as portas das nossas instituições, aonde eles possam ver o seu semelhante de cara lavada e barriga cheia. E nós não temos nada disto! Fátima não supre.

Em boa hora se fugiu à ideia, desde o começo, de fundar uma congregação religiosa de padres para a *Obra da Rua*; e desta sorte é ela, a *Obra da Rua*, uma obra social da Igreja, aonde os nossos Bispos estão em sua casa. A única, hoje, em Portugal. Nós somos dos nossos Bispos e Eles são da Obra. Não temos voz. Não temos privilégios: *não usam hábito. Não fazem votos. Não têm residência.* (Constituições íntimas da Obra.)

Somos os *desamparados; nem familia, nem amigos, nem interesses, nem campos, nem nada; (idem)*. Trabalhamos assim mais. Produzimos melhor. Acendemos fogueiras. Libertamos o Evangelho. Fazemos barreira.

Os coxos andam. Os cegos vêm. Os surdos ouvem. Os oprimidos recebem a Boa Nova; e felizes os que se não escandalizam com aquilo que nós fazemos e dizemos.

TRIBUNA DE COIMBRA

Do que nós necessitamos

JA dias apareceu-nos na casa de Coimbra um rapaz de 18 anos, vindo do concelho do Caramulo. Tinha todos os predicados do rapaz da rua: magro, esfo-meado, sem família, o pai não sabe quem é e a mãe faleceu; roto, cabelo comprido, sem trabalho, sem dinheiro e nunca andou na escola.

Tinha todas as «qualidades» para entrar nas nossas casas, mas não pode entrar, não temos o suficiente para os que já cá temos e ele tem 18 anos e já pode procurar trabalho.

Demos-lhe de comer e despedi-o.

Passados três dias o rapaz apareceu-me outra vez: deixo-me ficar na casa, ando cheio de fome. Tenho dormido debaixo dumas tábuas velhas numa casa que andam a fazer, ninguém me dá trabalho, procurei todos os quarteis para entrar como voluntário, mas não me aceitam, não sei ler.

Isto me dizia o rapaz no meio duma praça e eis que chega um dos nossos, de 11 anos, com exame e já empregado e quando lhe disse que aquele rapaz queria ficar em nossa casa, mas que não podia, pois não tínhamos cama para ele, o nosso olhou para mim e torna, mas seguramente diz: eu dou-lhe a minha cama e fico em qualquer lugar, mesmo no chão.

Eu cai das nuvens, ainda não estou habituado a ver actos tão heroicos. Isto é o cúmulo. Aquela criança orfã também, deu-me uma lição como poucas. Mandei-os ambos para casa e o rapaz ficou até ao outro dia e dei-lhe alguma coisa para a viagem e ele partiu.

Eu fiquei triste a olhar para ele, a pensar o que poderá vir a ser aquele rapaz; um malfeitor, um homem de bem? Mas teve que ir embora e o coração ficou-me a sangrar. O que mais nos custa neste campo é não podermos solucionar estes problemas que serão amanhã um tormento para a socie-

dade. O rapaz ainda não saiu de Coimbra. É pedrinha do «tostão-zinho». E depois um desprezo do trabalho. É a vadiagem. É a cadeia.

Que todas as pessoas de bem nos ajudem a solucionar estes casos.

TINHA chegado da quinta e, como estava a chover, não vinha em condições de aparecer a ninguém. Nesse momento chegavam dois «espadalhões» brasileiros e um dos senhores dirige-se a mim a perguntar se eu é que era o substituto do Sr. P.^o Américo e eu disse que podia ser. Mesmo naquele estado foram feitas as apresentações e eu vi que estava em família. Eram duas famílias portuguesas de visita à Pátria, acompanhadas de um Sr. Doutor da linda vila de Chão de Couce, muito amigo do Sr. P.^o Américo e da obra, que não os quis deixar partir sem verem a obra do gaiato.

Começamos a visita pela cabeça da casa: a nossa capela. E ali que está o maior Amigo. A nossa capela é um encanto na sua simplicidade e arranjo. Ajoelharam puseram as mãos e oraram. Duas famílias cristãs já se vê: um dos chefes de família é dirigente duma Conferência de S. Vicente de Paulo em Santos e outro foi da comissão promotora da viagem do Sr. P.^o Américo ao Brasil. Continuamos e eu não quis tirar o melhor da visita que é o papel dos nossos cicerones. São as coisas deles. E' o amor àquilo que é seu que os faz mais entusiasmados. Foi o Zé das Bolas. Viram tudo; as nossas portas estão abertas a todos. Na passagem pelo escritório perguntaram se podiam deixar alguma coisa e desobrigaram-se todos com muito amor e muito carinho ficando em cima da mesa cinco notas de cem.

Era hora da merenda cada um

com seu naco de pão e sardinhas assadas.

As horas das merendas são horas únicas dentro das nossas casas. Oh alegria! Oh animação! Os senhores olham, admiram e exclamam: andam todos tão gordinhos e corados! É uma das senhoras, chamando a minha atenção para o seu filho, diz: olhe o meu filho e nós com todos cuidados; ele precisava de vir para aqui. A senhora, olhando para o seu, ficou com inveja dos nossos: todos são gordinhos e corados. Aqui tudo é sadio, doentes vêm eles para cá: ar puro, água fresca, trabalho obrigatório, alimentação cuidada e forte.

À despedida eu ouvi das suas bocas: feliz a hora em que nós viemos visitar esta casa; vamos muito satisfeitos; nós vamos contar maravilhas por toda a parte. Sim, senhor; pois que contem para que todos conheçam; o Evangelho deve ser pregado em toda a parte e isto é o Evangelho.

O que nos vão dando: cinquenta e mais vinte para a Conferência do Zé sem mais nada do Porto. Este senhor veio para assistir em Coimbra ao desafio entre a Académica e o Boavista. Deixou o jogo e veio ver. Ele já conhecia todas as casas, menos esta. E' o amor, é a dedicação e quando estes dois predicados se juntam, tudo cai perante eles; até a bola... Há ainda quem duvide do futuro da obra. Com generosidade assim, nada há que recear. Isto é garantia.

Mais cem; e mais vinte; e o mesmo de um sou evangélico, mas Deus é o mesmo. Mais de vez em quando grandes carapuçadas de peixe que os senhores do grémio de Miranda mandam buscar. Nós vamos logo.

Mal o telefone avisa, logo aparece um grupo de cabazes às costas; prontos a ir buscar. Chame sempre!

PADRE HORÁCIO

NOTÍCIAS DA CONFERENCIA DA NOSSA ALDEIA

O NATAL

NA quinzena transacta apelamos no sentido de nos ajudarem, para oferecermos a consoada aos nossos pobresinhos. Pois bem; já compramos batatas, azeite e bacalhau. O que isto não será em casa deles; alegria das alegrias! Fazê-los passar a Noite sem as tradicionais batatinhas com bacalhau? Os nossos, esses não. Mas quantos e quantos não passarão, por esse mundo de Cristo... Ficamos depenados, não resta dúvida, mas consolamo-nos de entregar a consoada. Nada menos de 13, cabendo a cada bico: cinco quilos de batatas, um bacalhau dos grandes e sete decilitros de azeite! Já não é mau...

Ainda ontem—isto é vulgar—fomos chamados à atenção. Querem saber porquê? Vou contar. Na casa do tuberculoso do monte de Calves, não há de comer!... Tuberculoso e por cima da doença, a fome! E mais outro. E' o Sr. Dias. Aquele que os filhos botaram quasi ao desprezo. Eles são muitos... Sim, recordam-se certamente; em casa desse velhinho sofreu do mesmo: fome! E queixa-se:

agora acabou-se o milhão, (as esfolhadas, não tenho pra comer! Se sofresse só daquela doença, que já bastava, mas atrás dela vêm outras perigosas... Tem reumatismo; e disse-me, quando cheguei a casa ao visitá-lo, que por causa da doença, pensava em guardar os cinco milreuzinhos que possuía...

Como passaríamos estes pobres do Senhor, a Noite do Seu nascimento? As provas são evidentes... Por isso, nós lá iremos—a casa deles levar o que lhes cabe, do nosso pouquinho. Sentiremos, evidentemente, a sua alegria; e saborearemos aqueles minutos íntimos. O pobre gosta. Ele sente a necessidade de expandir os impulsos generosos do seu coração. Sente-se amado e quer amar; isso sim. Amor com amor se paga, é verdade. Mais; dizia-me o Sr. Dias, também, ainda há bem pouco tempo: gosto tanto de falar consigo... E falamos; tanto, tanto, que nos esquecemos por minutos...

Ora nós com o Natal ficamos depenados e para que tenhamos crédito novamente, vamos ver o que os nossos costumados e amigos leitores, fazem o favor de nos

oferecer, para cobro da despesas. Não se esqueçam; o que for para bem dos pobres, Deus pagará. E paga com certeza.

O QUE RECEBEMOS

DIAS depois de redigirmos a nossa pena de não recebermos donativos para satisfação das nossas dívidas, o Senhor se lembrou de nos contemplar. Confiamos também na vossa pronta generosidade, claro. Temos de ter confiança, mas confiança ilimitada. Se damos, teremos evidentemente de receber. E assim foi. Recebemos. Mas para grandes males, grandes remédios. É o remédio de facto foi precioso; são 500\$00 dum Senhor dum armazém importante de solas e cabedais, dessa Invicta Cidade, que faz da nossa Obra, a menina dos seus olhos; é o Porto, a cidade inextinguível do Bem. Apitamos e o dito generoso sacou de meio quilo para nós, e outro meio para os pobres do Barredo. Obrigado Sr. Ventura. Daqui lhe lançamos os nossos agradecimentos. O cortejo continuou; não extagnou aqui, foi mais longe. E vieram roupas; roupinhas para os que não as têm! Desde uma ponta à outra todos se queixam do mesmo mal: roupas. E venham elas todas, que serão sempre bem recebidas. Assim ve-

MAIS dos Funcionários da Junta da Marinha Mercante 141\$00. Mais uma subscrição entre empregados de um Banco 197\$00. Mais um carregamento de linguas de bacalhau, consignado à Casa do Gaiato, por um senhor de Ilhavo. Um carregamento sim senhor. Foi o nosso carro e os nossos bois pintos a Cete! Tem sido aqui um delírio, e está para render; é um carregamento! Ele linguas na mesa dos senhores, na mesa das senhoras, na mesa dos três refeitórios linguas aos doentes. Ele de caldeirada, ele com batatas, ele com arroz;—um verdadeiro sucesso! Que o senhor faça boa viagem na próxima safara; que acace muito peixe, que traga muitas linguas e que torne cá.

Já agora, por carregamentos, também quero falar num de morcelas d'Aroucal Sim senhor; entre muitas e muitas morcelas que temos aqui recebido, chegou ontem um carregamento, de mando dos donos da Doçaria Palace, aonde se deu o incidente com um engenheiro da Suíça. Um carregamento! Tenho partido e repartido e comido. Ando consolado. E' o Barredo. A gente apanha muita pancada, sim. Não dos pobres; esses não nos fazem mal. E' das más linguas. As de bacalhau são bem melhores! Você é um impostor. Você é um vaidoso. Você é um perdulário. As cartas fervem. Eu cá engulo tudo e por cima vai uma morcela; uma morcelinha. Ando consolado.

Mais cinco contos para o Barredo, de alguém.

Mais eu que fui a Lisboa, via Pedras Rubras, e ao descer na Portela, a hospedeira do avião, a Sara, fez-me entrega de uma quantia dos tripulantes e dos passageiros. Mais eu que regresssei de Lisboa, via Portela, e ao descer nas Pedras, a Ana e um passageiro, quizeram fazer as horas da viagem; para os seus rapazes. E na capital, também encontrei... Glória a Deus e só a Ele honra, e glória. Tudo o mais é Cisco. Mais a Lydia. Mais mil escudos de Moçamedes de Maria Rogélia e Jorge Manuel. Mais 50\$00. Mais 100\$00 de uma promessa. Mais 50\$00 sendo 25\$00 para o Barredo e 25\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo.

(Continuação 4.^a página)

nam... Imaginem o que não é o frio sem um contra que o sustenha! Neste caso, agasalho. Para prova fui ontem visitar um dos pobres extraordinários; aqueles que trabalham e vem a doença ou o desemprego e tudo vai por água abaixo... Ele era fome, frio, todo o corolário... Os filhitos gemiam! Perguntados, era o frio e a fome!... Enfim, sem agasalhos e mantimentos não há corpo que viva. Somos feitos de carne e ela ralha... Por isso obrigado M. e M.; brevemente faremos a distribuição delas. Já nos passava da memória acusar recepção do vão também alguns escudos, poucos. Sim senhor, muito ou pouco tudo vale. Ora porque não, muitos poucos fazem muito? O seu pedido foi satisfeito. Obrigado uma vez mais.

Por hoje é isto. Um momento; mais 20\$00 para o doente que está a tomar estrepomicina... Sr. Simplicio, eles cá chegaram e, como muito gosto terá, encerra hoje a fila dos que se lembraram dos nossos pobres. Obrigado a todos.

J. M.

AQUI, LISBOA! Pelas Casas do Gaiato

O carteiro passa aqui todos os dias com dois grandes lotes de cartas: um com encomendas de papel para a fábrica da Abelheira, outro com pedidos dirigidos à Casa do Gaiato. Vêm de toda a parte, até da Presidência da República.

Tenho aqui umas poucas do Limoeiro. É um recluso que pede protecção para a mulher e filhos que deixou ao desamparo, na terra. Primeiro vieram as cartas dele, depois a mãe já velhinha a chorar a desdita da nora e dos netinhos, a seguir, a esposa e uma das crianças, finalmente apresentaram-se três homens, de mãos caledadas do rude trabalho de serra em que vivem.

«Somos três chefes de família, dizem, mas, se fosse necessário, estaria aqui toda gente da nossa aldeia. Como chefes, sabemos quando a vida nos custa para vivermos sem vergonha do mundo. Temos de trabalhar muito, e, mesmo assim, Deus sabe as privações por que passamos. Que dirão aqueles que não têm quem lho ganhe? Não podemos assistir de braços cruzados à desgraça que caiu naquela família, depois que foi preso o chefe que a sustentava. Vimos pedir a sua intervenção.»

Até ali eu ia repartindo com os infelizes as esmolas que nos dão; entendi que era a hora da Justiça e não da Caridade, tanto mais que sabia que o recluso andava a trabalhar.

Não me era difícil desfiar uma série de argumentos convincentes, e apresentar muitos casos de filhos de reclusos que temos debaixo das nossas telhas. Lembrei por exemplo aquele pequenito que estava com a mãe na Cadeia da Figueira da Foz.

Vicentinos de lá, apresentaram-nos o caso, pediu-se a protecção do Patronato das Prisões, mas este não pôde interessar-se. Apesar disso a criança veio. Deus-lhe uma caminha nova. Altas horas da noite, o pequeno levantava-se e ia passar o resto da noite, na casota do leão, enrolado num saco. Era o hábito de acompanhar a mãe, agora entregue ao Governo por furtos inumeráveis, quando nas horas vagas do seu latrocínio, descansava em esconderijos desconhecidos; era também o medo dos lençoes que são objecto de espanto de muitos que nos chegam.

Já lá vão quatro anos, e ninguém, senão os vicentinos, pergunta pelo rapazinho.

Isto é muito mais disse aos Senhores que tiveram a paciência de me ouvir, lamentando eles não terem verba e eu, o tempo perdido.

Queria parecer-me que um Estado nunca devia mostrar fraqueza, sobretudo quando se lhe pede pão para uma criança indefesa.

Se todos os recursos do País não chegam já para matar a fome do corpo e do espírito àquela criança, muito pobre é o país ou muito longe anda a Justiça distributiva.

Não sei qual das calamidades é maior.

Continuei a repartir as esmolas que nos dão; nem só os que albergamos são filhos de Deus...

Mas agora a medalha tem ver-

so. São os de cima que descem até nós, num pedido insistente. Querem que abramos as portas a quantos filhos de reclusos necessitam de amparo.

A ideia é simpática, e revela interesse e dedicação de quem a apresentou. As portas estão abertas, sim; mas, o que não temos é lugares à mesa nem camas vazias. Somos nós quem temos de lamentar a impossibilidade de aceitar a oferta. Todos temos, de comum, a aspiração de dar a cada infeliz aquilo a que tem direito quanto mais não seja, o pão; o que se não vê é a possibilidade de o fazer. Por isso voltamos a lembrar a quantos esperam há muito um *sim* para o pedido que apresentaram, que não desanimem, e que também nos não levem a mal a confissão da nossa incapacidade para darmos solução a todos eles.

PADRE ADRIANO

Uma Carta

(Continuação 3.ª página)

Vós não vêdes, no dia a dia, nas paredes estreitas da Casa do Gaiato.

Mas, para além dessa pequenez aparente do vosso dia a dia, projecta-se já no egoísmo do século, como um fecho de luz, que me faz lembrar aquele fecho que Nossa Senhora em Fátima, mostrou aos videntes.

Luz que tem aberto muita alma encerrada, que tem feito conversões de almas desviadas e que tem facilitado a expiação de muitos pecados.

É a soma de tudo isto, que se traduz no dinheiro que corre para aí, para a Casa do Gaiato, das orações que vos são oferecidas, do pão que cada vez alimenta maior número, num milagre identico ao de Nosso Senhor.

Rapazes, fazei-vos homens, mas tende sempre no espírito o amor, dos rapazes que atrás de vós virão para a Casa do Gaiato.

Os que sofreram como eu, e hoje com a misericórdia de Deus, têm de dizer o que sentem e dizem-no ou devem dizê-lo, sem respeito humanos, sujeitos até a serem considerados loucos!

Do que nós necessitamos

(Continuação da terceira página)

lo do Lar do Porto. Entendido. Mais do Porto para o *pão vosso de cada dia*. Mais uma oferta de 100\$00.

Os senhores fabricantes de flanela que todos os anos se costumam lembrar de nós, não se esqueçam neste. Nós estamos cá e somos cada vez mais e precisamos muito para camisas. O Carlos Inacio, actual chefe de S. João da Madeira, já me *acaçou* uma peça. O padre Horácio de Coimbra, também fez o mesmo. Os senhores lembrem-se da gente. E mais nada.

COIMBRA Miranda do Corvo

JÁ recebemos uma cama duma Senhora que já por muitas vezes respondeu da mesma maneira para as nossas casas. Ela é com brinquedos; ela é com roupas; enfim ela com tudo.

Desta vez foi prá conferencia; a cama que esta senhora deu vai-se dar o seu destino, vai pró pobre mais necessitado.

Na casa do Castelo têm deixado todos os meses um envelope com uma certa quantia.

E a filha do Snr. Dr. Cabral mandava dizer para por a assinatura em dia.

O meu emprego ainda não fechou: é na R. Ferreira Borges, 125. «Casa dos Edredons».

JOGAMOS com «Os Académicos da Cumeada», e fomos derrotados pela primeira vez por 4-2. Os golos foram marcados; pelo vencedor Alípio (2). Carlos (junior do União) e Raul.

Pelos nossos marcaram Luís e Ernesto.

Segundo jogo, agora com «Os Ardinas» em que mandamos pró campo jogadores que não sendo todos do primeiro time, saímos vencedores por um resultado expressivo de 8-2. Os nossos golos foram marcados por Bucha (3) Leiria (2) Zé Maria (2) e Ernesto (1).

Agora que já não estamos «inveníveis»... Não temos bola...

ESTIMADOS leitores vem aí o Natal, o dia em que os nossos rapazes esperam não para comer as batatas nem as filhoses, mas sim a alegria do dia do «Nascimento de Jesus».

Todas as famílias se juntam para comemorar o dia do Nascimento do Criador.

Portanto estimados leitores os nossos rapazes querem brinquedos, o bolo-rei, e etc.

Portanto vamos a ver o que há-de ser!...

TEMOS entrado nos campos aonde há futebol. Na Associação Académica, e no União; têm cedido o campo para jogarmos.

Só temos a agradecer aos directores dos já citados clubes.

ERNESTO PINTO

ANTONIO GIL

A NOSSA TIPOGRAFIA

TINHA ficado a procissão na casa dos 137 contos. Hoje temos uma senhora de algures com mil escudos e um senhor de Lisboa com metade. E vai aqui Lourenço Marques com 100\$00. Também vão dois Infantes de 22 e 7 meses. E também vão os operários duma fábrica de Fiação com 200\$00: é que como operários as máquinas são da nossa simpatia. E a Parede. E Setubal. E um de Algures.

E um Tenente da Armada, com pena de ver a procissão ainda na rua. E amigos de Matosinhos com 100\$00. Logo a se-

JÁ começamos a construir mais uma das nossas obras; já cá andam dois pedreiros a construir as nossas casas e dois homens lá de fora a abrir os alicerces e alguns dos gaiatos a tirar terra e a cavar porque teve de ir para a fundura de um metro e tal para estar ao nível das capoeiras. As nossas capoeiras têm algumas aves; galinhas, patos, perús e pintaínhos.

Também já veio há pouco tempo um porco da Casa de Coimbra; agora já temos quatro porcos.

A nossa quinta tem produzido menos mal. Algumas das nossas terras têm erva lameira para o boi e para a vaca e também para o restante gado da quinta; outros têm couves, favas, tremoços e algumas estão para semear. Nós recebemos há pouco tempo uma encomenda que continha alguns pacotes de sementes que nos ofereceu a firma Alípio Dias & Irmão. A estes senhores enviamos o nosso sincero reconhecimento e muito obrigado.

JÁ chegou o tempo do frio, e vem aí o Natal e nós sem ninguém que se lembre de nós. Não é só nas outras Casas do Gaiato que há gente; aqui também existe alguém.

AS nossas costureiras não têm roupa para nos dar a vestir; elas vêm-se atrapalhadas por causa da roupa. Principalmente aos sábados. As costureiras têm que fazer uma troca. A roupa do Domingo tem que ser para a semana. No verão sempre nos remediamos porque está calor, mas no inverno está frio e temos que andar mais agasalhados. Como os nossos amigos leitores estão vendo é favor porem os olhos em cima destas linhas.

CARÍSSIMOS leitores há muito que não vêm aqui no famoso as notícias da nossa conferencia. E por isso aqui vão elas fresquinhas e boas. Nós todos os domingos vamos visitar os nossos pobres a fim de lhes irmos levar alegria e conforto. Eles pedem-nos roupas, calçado, panelas etc. E nós não podemos dispor de nada porque não temos. Por isso contamos com a generosidade dos nossos carinhos leitores que nos queiram enviar alguma coisa para que possamos socorrer os nossos irmãos.

guir enfileira um estudante do Porto com 150\$00 e caminham quatro Tripeiros na marca. E uma prestação de Vagos. E um Lisboa com 100\$00. Outra vez um Tripeiro: antes que os gaste mal gastos, aqui vão 50\$00. São pendões; pendões de simpatia.

Se por um lado gostaríamos de ver a procissão recolhida, por outro, ver-nos-íamos privados da presença do mais belo cortejo que jamais atravessou os caminhos do Império. Por isso, deixemos andar até quando Deus quiser.

Ficamos hoje nos 133.800\$00.